

“Quando a cidade é motivação, é garantido o êxito. Tal não tem acontecido”

A cidadania ativa foi luta pela democracia. O fim do Estado Novo trouxe a delegação da voz popular nos representantes, fazendo com que muitos se demitissem de pensar o que é melhor. Na cidade de Coimbra, em particular, tenta-se reavivar a presença cívica pela necessidade de fazer valer uma cidade no meio da crise. *Por Liliana Cunha*

“A cidade é uma cidade de compromissos e nós abandonámo-la”, lamenta o professor de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC), Carlos Fortuna. O défice na participação dos cidadãos coimbricenses para uma discussão ativa sobre o que é e o que deve ser a cidade de Coimbra tem gerado dados de desprendimento preocupantes - “há um crescente desligamento de quem cá vive”, alerta a ex-deputada, Teresa Alegre Portugal. A socialista realça que o busilis do desapego é em grande parte devido a uma situação política local “confrangedora”.

A falta de afirmação política coimbrã a uma escala nacional encontra expressão nos 40 por cento de abstenção nas últimas autárquicas; no “centrão” partidário e numa perda de 4 por cento na população segundo o Censos 2011. As instituições públicas, com relevo para a Universidade de Coimbra (UC), para a câmara e para a concentrada área da saúde, têm sido o grande garante da cidade que se diz ser do conhecimento.

Por estas razões se aludiu ao conjunto de três associações cívicas da cidade, apelidado de Alternativa: Associação Cultural para o Desenvolvimento do Ser Humano, Delegação do Centro da Associação 25 de Abril e Movimento Republicano 5 de Outubro. Estas associações propuseram-se a um debate frutífero e sem restrições. Chamaram-lhe “Coimbra: O que vale uma cidade no meio da

A representação é a de uma cidade “estagnada e com pouco poder político”, realça João Rodrigues



“Numa cidade que ainda se move, podíamos ter um fórum de cidadãos”, sugere José Reis.

crise”. A discussão fez-se do alto do Hotel D. Luís, com pano de fundo na panorâmica da cidade que se separa pela água de prata do Mondego.

“Quando a cidade é motivação, é garantido o êxito”, assegura o arquiteto José Bandeirinha. O problema para o mesmo é que “tal não tem acontecido”. Bandeirinha, nascido e ancorado na cidade, avisa que Coimbra foi a cidade que mais “perdeu acessibilidades”. Todos procuram alguém que lute pela cidade e que a discuta.

“O estudante está a ser um consumidor”

Falar de Coimbra é falar da sua universidade. E aí intervêm os estudantes, os 200 milhões de receitas próprias geradas pela UC, e a consciência de que o rendimento vale muito em tempos de aperto. A educação não deixa de ser palco de montra para a elite que o ensino superior tem sido: “o estudante está a ser um consumidor”, afiança João Rodrigues. Transformar a UC num “laboratório para pensar o futuro” é a ânsia do moderador do debate e membro das três associações, José Dias. Mas este desejo é ameaçado pelo presente.

“O tempo é escasso para o ritmo infernal a que o petroleiro segue”, enceta em jeito de metáfora outro dos elementos intervenientes e também docente, José Castro Caldas. A parte de “falar sobre a crise” ficou para ele, e aí irrompeu sobre a promoção de bancarrota a que o país se tem su-

jeitado: “é preciso uma necessidade independente, uma viragem deste barco que se está a degradar”, prossegue o também investigador do Centro de Estudos Sociais.

A representação é a de uma cidade “estagnada e com pouco poder político”, realça João Rodrigues, um dos três economistas da FEUC convidados para versar sobre a conjuntura. Contudo o docente olha para esta imagem da cidade como um “véu de ignorância”, lembrando indicadores objetivos. A dinâmica social da Coimbra pública joga a seu favor: “tem um nível superior de qualificação comparativamente à média nacional e o dobro de médicos por cada 1000 habitantes”, sustenta João Rodrigues. No entanto, embora a terciarização se tenha elevado aos outros setores, a redução do Estado português a “uma entidade privada, leva Coimbra a comportar situações difíceis”, lança o mesmo.

Respostas territoriais

“Numa cidade que ainda se move, podíamos ter um fórum de cidadãos”, sugere o terceiro economista convidado, José Reis. O docente traça um mapa genético que remonta a uma carta constitucional, ao congresso que houve na cidade e a outros movimentos estratégicos como o Concelho da Cidade de Coimbra, ou a Pro

Urbe. Propõe um balanço de mobilização cívica de cidadãos onde não haja lugar para queixumes.

O remédio para todos os males do património passado da cidade é sempre lembrado quando se exortam os feitos de mais de sete séculos de história. Todavia, os mais de 140 mil habitantes não se podem “reduzir ao passado”, afiança Carlos Fortuna. A história é pródiga em solidificar Coimbra no tempo, mas há quem queira património para a frente. “As cidades não morrem, mas afogam-se a si próprias”, determina como obstáculo o professor catedrático da FEUC.

O que pode restar é a capacidade de agir “aqui”, assegura veemente José Reis. É nas cidades que se dá a resposta mais territorial ao monstro da crise. Sob a forma de um pensamento que asente num diagnóstico “inquieto e voluntarista”, afirma. Se isso não acontecer, então não é “ação”.

“Coimbra dos Humanoides”

O debate ganha ritmo com aqueles que depois têm espaço para

expor a sua própria visão. O professor João de Castro Nunes revela o seu receio sem pejo: “a Coimbra dos humanistas está a chegar à Coimbra dos humanoides”. Luís Reis Torgal, outro dos académicos presentes, conta que está “amargurado”. A lógica do economicamente favorável faz com que “sejamos idealistas, não lucrarmos com a crise, roubamos todos os dias”, acrescenta. Lamenta que Coimbra não constitua um núcleo “político e cultural”.

Do outro lado da sala levanta-se uma voz otimista. “Vale a pena apostar e fazer a onda crescer nem que seja para 20 pessoas”, destaca Teresa Alegre Portugal. As quezílias políticas alimentarão uma grande discussão sobre as eleições autárquicas do próximo ano, mas a mudança para uma cidadania mais pró-ativa passará pelos rostos que representam a cidade - “tem de ter rostos, é preciso gerar gente séria”, afirma resoluta.